



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

NEWSLETTER

NÚMERO 130
FEVEREIRO 2012



**Regresso
à terra**



4

Regresso à terra

Na escola ou em comunidade, o projeto da Associação para a Valorização Ambiental da Alta de Lisboa trouxe a agricultura para o bairro, recuperando as hortas tradicionais e a proximidade entre os mais novos e os mais velhos. Nas Altas Hortas, cultivam-se os vegetais para a sopa, mas também uma nova forma de comunicação entre gerações. Um projeto apoiado pelo Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano que damos a conhecer na voz dos seus protagonistas.



11

Ciência portuguesa marca pontos

Entre 28 cientistas, espalhados por 12 países, Portugal tem cinco investigadores selecionados pela prestigiada fundação americana Howard Hugues Medical Institute (na foto), que vão receber financiamento para o seu trabalho científico. Miguel Godinho Ferreira e Karina Xavier são os dois eleitos do Instituto Gulbenkian de Ciência, pelo seu trabalho em áreas científicas distintas: bactérias e envelhecimento.

A Newsletter errou

Correção da notícia publicada na secção Breves (janeiro 2012) com o título **Documentário *Quem mora na minha cabeça* distinguido em Bruxelas.**

A distinção europeia dada pela Network of European Foundations foi entregue ao projeto (e não ao documentário) da Associação ProfundaMente, presidida por Pedro Macedo, pelo trabalho desenvolvido na área das demências. Das 81 candidaturas, oriundas de toda a Europa, apenas dez foram distinguidas com um prémio no valor de dez mil euros cada, entre elas o projeto desta Associação que se dedica ao tratamento das Doenças com declínio cognitivo (vulgarmente chamadas “demências”).

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER NÚMERO 130.FEVEREIRO.2012 | ISSN 0873-5980

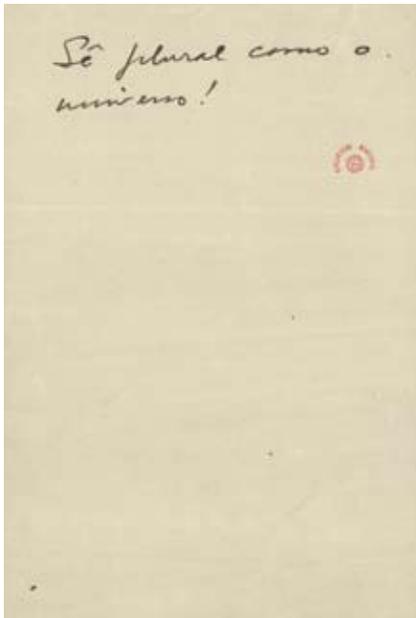
Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais

COLABORAM NESTE NÚMERO Ana Barata | Ana Godinho | André Cunha | Patrícia Fernandes

DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro [DDLX] | **REVISÃO DE TEXTO** Rita Veiga | **FOTO DA CAPA** Mária Lessa

IMPRESSÃO Greca Artes Gráficas | **TRAGEM** 10 000 exemplares

Av. de Berna, 45 A, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt



22

Um outro olhar

Richard Zenith, um dos curadores da exposição sobre Fernando Pessoa (10 fev-30 abr), é o primeiro convidado da nova rubrica Um Outro Olhar. *Sê Plural como o Universo*, a frase encontrada na mítica arca pessoana, é o mote para o que Zenith considera um duplo risco na apresentação da exposição, “pois para além de esperar que o visitante encontre, ou reencontre, algo do poeta que o impressione, o toque, esperamos também que se confronte com a sua própria condição de ser plural, muitos, em permanente viagem por mundos tão vastos que, por mais que os conheça, quase não os conhece ainda”.



24

O Brasil em Lisboa

Não é só a exposição sobre Fernando Pessoa que chega do Brasil, onde esteve em itinerância em 2010 e 2011. O país também estará representado no CAM por duas das suas mais destacadas artistas contemporâneas: Beatriz Milhazes e Rosângela Rennó. *Quatro Estações* e *Frutos Estranhos* abrem a 17 de fevereiro no CAM.

26

A música clássica tem de ser sempre séria?

A pergunta é de Alfred Brendel, pianista austríaco que se despediu dos palcos em 2008 e que regressa agora no papel de conferencista e professor. No dia 18, às 17h30, Brendel mostrará, no Grande Auditório, o humor e o saber acumulados durante uma carreira de mais de seis décadas. No dia seguinte, voltará ao palco para uma masterclass sobre o Quarteto para cordas n.º 14, *A Morte e a Donzela*, de Schubert. No palco estarão também os quatro músicos que compõem o Quarteto Casals.

índice

primeiro plano

4 **Regresso à terra**

notícias

- 10 **Um novo papel para os jardins botânicos**
- 11 **Ciência portuguesa marca pontos**
- 12 **Novas bolsas de investigação OptimusALive!Oeiras-IGC**
- 13 **Prémios à investigação**
- 14 **Novo Prémio Calouste Gulbenkian**
- 14 **Investigador italiano ganha Prémio Internacional Fernando Gil**
- 15 **Melhorar a visão em Moçambique**
- 16 **Novos Filmes Portugueses**
- 17 **Royal Opera House aposta em talentos portugueses**

18 **breves**

bolsheiros gulbenkian

20 **Isabel Simões**

um outro olhar

22 **Richard Zenith**

em fevereiro

- 24 **O Brasil em Lisboa**
- 26 **O regresso de Alfred Brendel**
- 28 **Goran Bregovic: Não há salvação senão na fuga**
- 30 **Concerto para famílias**
- 31 **Trazer o Céu para a Terra**
- 32 **novas edições**
- 33 **catálogos de exposições na biblioteca de arte**

uma obra

34 **Sanefas**



primeiro plano.....



Regresso à terra

Hortas urbanas na Alta de Lisboa

No Alto do Lumiar, em Lisboa, sacho ou forquilha já não são palavras estranhas, e até se tornou vulgar ir à varanda apanhar coentros para temperar a comida ou ouvir as crianças a tratarem pelo nome seniores que antes não conheciam. O projeto “Altas Hortas” trouxe a agricultura para dentro do bairro e aproximou gerações, em novas relações de vizinhança. No ano que a União Europeia dedica ao Envelhecimento Ativo e à Solidariedade entre Gerações, fomos conhecer este projeto da Associação para a Valorização Ambiental da Alta de Lisboa (AVAAL), que conta com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, integrado no programa Entregerações/IntergenerationAll, que decorre simultaneamente em Portugal e no Reino Unido.

A AGRICULTURA VAI À ESCOLA

Os recreios das escolas da Alta de Lisboa transformaram-se em hortas, onde são cultivados produtos que saem da terra diretamente para a sopa dos alunos. Alho francês, alface, abóbora ou couve portuguesa são algumas das variedades de vegetais cultivadas e, se antes eram praticamente desconhecidas da maioria dos alunos, hoje têm-nas na ponta da língua.

Na Escola 2+3 do Alto do Lumiar, já ninguém estranha a dança de enxadas e ancinhos e todos querem meter as mãos na terra. “No ano passado, todas as turmas participaram nas Hortas Escolares, mas acabou por se tornar complicado gerir tantos alunos, porque nem todos queriam fazer parte”, conta Cristina Morais, a técnica da AVAAL que acompanha diariamente o projeto no terreno. “Por isso, este ano abrimos o Clube da Horta, para se inscreverem apenas os alunos interessados e podermos fazer grupos mais pequenos. Só que se inscreveu praticamente a escola inteira.” Isto, mesmo estando integrado no horário escolar, o que obriga a assiduidade e implica faltas. Quem faltar três vezes seguidas é substituído por outro colega, dada a extensa lista de espera. “Formaram-se dois grupos de doze alunos cada,

o número ideal de pessoas para o senhor António ensinar ao mesmo tempo”, explica Cristina. O ‘senhor António’ é voluntário na AVAAL, tem 67 anos e muita paciência para transmitir aos pequenos aprendizes o que ele próprio começou a aprender com os pais quando tinha apenas oito ou nove anos. “Eles não sabem o que é a agricultura porque não foram criados como nós. No início, não conseguem distinguir nada: não sabem o que é um sacho, uma enxada, uma forquilha... Mas é muito importante que aprendam estas coisas, porque nunca se sabe o dia de amanhã”, afirma. A verdade é que, diz Cristina Morais, se no início só sabem o que é uma alface, “depois de semearem e verem crescer, passam a saber distinguir todos os vegetais ainda na terra”.

Quando, em 2009, o Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano e a delegação do Reino Unido da Fundação Calouste Gulbenkian se juntaram para lançar o concurso Entregerações/IntergenerationAll, para apoiar projetos-piloto centrados no incentivo das relações intergeracionais como forma de combater o isolamento da população mais velha e de contribuir para a coesão social, a Associação para a Valorização Ambiental da Alta de Lisboa (AVAAL) não perdeu a oportunidade de concorrer com o projeto Altas Hortas, que utiliza a agricultura urbana como meio de promoção das atividades intergeracionais e, neste caso, também interculturais.

O Clube da Horta arrancou em janeiro e cabe agora aos seus membros voltar a dar vida àquela parcela de terreno que, desde as férias de verão, não é cultivada. A primeira tarefa é calçar as luvas, pegar na enxada e em sacos de lixo pretos e limpar o terreno para se poder começar do zero. Flor, voluntária da AVAAL com um nome adequado à causa, é quem dá o exemplo. Isael, de 11 anos, imita-a. Não está inscrito no Clube da Horta, mas pediu para ajudar porque, segundo ele, o faz parecer um “homem da terra”. Em pouco mais de meia hora, a dúzia de alunos, com a ajuda de Flor e do senhor António, tem o terreno limpo e preparado para a próxima sessão.



Escola Almada Negreiros – Projeto Augusta

HORTAS DE TRAZER POR CASA

Mas as Altas Hortas não são só feitas na escola. Também são portáteis, para levar para casa e cuidar em família. São canteiros onde se plantam vegetais e semeiam ervas aromáticas. “Em volta das hortas portáteis foram criados vários miniprojetos que têm corrido muito bem. O meu preferido é o projeto ‘Augusta’, porque se notou uma transformação enorme nas crianças”, comenta, entusiasmada, Cristina Morais. No projeto Augusta, assim chamado em homenagem a Augusta Martinho, a idosa cujo corpo foi encontrado no chão da cozinha do apartamento onde vivia, nove anos depois de ter morrido, crianças e seniores constroem, dois a dois, uma mini-horta, da qual cuidam até que os vegetais possam ser apanhados. Um deles leva o canteiro para casa e, semanalmente, juntam-se para regar, tirar ervas, observar a evolução das plantas e tirar fotografias.

O Centro de Dia do Alto do Lumiar fica em frente da Escola Pintor Almada Negreiros, onde esta atividade é desenvolvida. Um grupo de utentes do Centro atravessa a rua para se juntar a uma turma que participa no projeto, no âmbito da disciplina de Ciências da Natureza. Quando os idosos entram, já têm à frente todos os materiais de que vão precisar: sacos de terra, canteiros, regadores e vegetais prontos

a cultivar. Crianças e seniores formam duplas e dividem tarefas. Com as mãos sujas de terra, Júlia, de 64 anos, explica o que foi feito: “Pus aqui a alface e o alho-francês. O meu colega pôs a couve portuguesa e a couve-de-bruxelas”. O “colega” a que se refere chama-se Diogo e tem 12 anos. “Nós já sabemos algumas coisas, mas com os seniores mais velhos nós aprendemos mais”, diz Idalina, 12 anos, enquanto rega o canteiro, ao lado da parceira Maria José, de 76. Uns melhor, outros pior, todos sabem indicar o que está nos canteiros, mesmo que, por uns instantes, a couve seja francesa e o alho de Bruxelas. O mais familiarizado com os produtos hortícolas é Tiago, para quem o projeto é uma viagem no tempo: “Faz-me lembrar a minha terra, Celorico de Basto. Foi onde nasci e morei até aos 3 anos. Os meus pais tinham lá uma horta e semeavam alface, tomate, alho-francês. Também tinham árvores de fruto: macieiras e cerejeiras.” Cristina Morais conta: “[No ano passado,] as turmas eram tão difíceis que nem os professores acreditavam que o projeto resultasse. Os alunos não conseguiam estar sentados e eram muito desobedientes, mas, no final, eram eles que iam ao Centro de Dia buscar os seniores para virem para a horta com eles, chamavam-nos pelo nome e, nas férias de verão, vinham à escola de propósito para regar, o que é muito raro... Chegaram a ir visitá-los ao Centro de Dia,



Maria José e Idalina são parceiras no Projeto Augusta

dançaram todos juntos e os seniores ensinaram-nos a fazer sopa.” Cristina avança ainda que a diferença se nota, inclusivamente, ao nível dos resultados escolares. Além disso, confessa que têm tido “muita sorte” com os seniores, que “são muito ativos e com muita predisposição para estar com crianças”. E têm “muita paciência”, salienta.

Em 2012 assinala-se o Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações. Projetos como o Augusta contribuem para combater a solidão na velhice, incentivam a partilha de conhecimentos entre gerações e acabam por criar laços entre os intervenientes. Esta interatividade entre novos e velhos também pode ser terapêutica. António, de 60 anos, foi recentemente vítima de AVC e, segundo a técnica do Centro de Dia que o acompanha, “está muito motivado e entusiasmado com a participação no projeto e com o contacto com as crianças, porque estimula a recuperação”.

Participam no projeto Augusta os utentes do Centro de Dia do Alto do Lumiar, do Centro de Desenvolvimento Comunitário da Charneca e, brevemente, os do Centro Social da Musgueira e do Centro Comunitário das Galinheiras. Além do Augusta, a AVAAL é responsável por dinamizar outros pequenos projetos e *workshops* centrados nas hortas portáteis, dirigidos às famílias e ao público em geral. De acordo com

Cristina, “nestas formações, crianças, seniores e outros familiares aprendem a fazer hortinhas para ter na varanda”.

CULTIVAR EM COMUNIDADE

Jorge Cancela, presidente da AVAAL, é a prova de que quando o homem sonha, a obra nasce. Um dia, Jorge foi viver para a Alta de Lisboa e percebeu que estava numa zona com muito potencial, onde em tempos houvera uma grande exploração agrícola, mas que, devido à pressão urbanística, acabou por ser substituída por bairros de lata. Por sua vez, os bairros foram substituídos por habitações ao abrigo do Plano Especial de Realojamento (PER) e, como contrapartida, a Câmara Municipal de Lisboa cedeu à empresa construtora uma vasta área de terrenos onde foram inseridos prédios para venda livre. Resultado: duas realidades sociais, económicas e culturais muito distintas a coabitar no mesmo local, sem qualquer ligação entre elas, e muito espaço mal aproveitado. “Sou arquiteto paisagista e, quando vim para aqui morar, percebi que do ponto de vista do sítio e da memória, havia aqui um potencial associado à agricultura que estava subaproveitado e que se podia voltar a desenvolver. Fui bater à porta do projeto K’Cidade, que gostou da ideia e me apresentou algumas pessoas do PER, como



O senhor António a orientar os trabalhos de limpeza.

o senhor António. Em conjunto, começámos a falar sobre o que podíamos fazer e, através de passa-palavra, tornámo-nos um grupo cada vez maior de pessoas interessadas.” Foi destas conversas que surgiu a ideia de construir o Parque Agrícola da Alta, que tem passado por um longo e burocrático processo, mas que deve arrancar ainda durante o mês de fevereiro. Trata-se de um terreno atribuído pela Câmara de Lisboa à AVAAL, para ser gerido em comunidade, dividido por talhões. “Neste momento, temos cerca de 150 inscrições. Cinquenta por cento são de pessoas da ‘venda livre’ e cinquenta por cento são de pessoas do PER. No Parque Agrícola não haverá ‘venda livre’ nem PER, somente pessoas”, declara Jorge Cancela. O presidente da AVAAL acredita que esta iniciativa aproximará estas duas populações que, embora vivam paredes meias, não têm qualquer contacto entre elas. Enquanto os habitantes do PER são maioritariamente reformados ou desempregados que passam muito tempo na rua, na sua rua, os habitantes da “venda livre” são, por exemplo, bancários ou advogados, que entram e saem de casa pela garagem, sem chegarem a ter qualquer relação de vizinhança ou familiaridade com o lugar onde vivem.

O Parque Agrícola tornou-se, portanto, um interesse comum entre eles e será o mote para desenvolver um verdadeiro espírito de comunidade. “Há vários parques agrícolas a nascer

em Lisboa, por exemplo, na Quinta da Granja (em frente do Centro Comercial Colombo), em Chelas, que dizem que vai ser o maior parque agrícola da Europa, em Telheiras e Campolide. Mas, enquanto, nestes casos, a Câmara abre concurso para atribuição de parcelas de terra, em que cada cidadão é responsável por uma delas, aqui o espaço é da Associação, é um espaço comunitário. Se eu, durante algum tempo, não puder ir cuidar da horta, há outra pessoa que se responsabiliza e me substitui. A comunidade organiza-se”, explica Jorge. As pessoas com mobilidade reduzida não foram esquecidas: para elas está reservada a primeira porção de terra que começará a ser trabalhada, através da iniciativa “Talhões Acessíveis”.

PROCURAR AUTOSSUSTENTABILIDADE

“Os pequenos projetos, como o Augusta, mantêm-se graças aos apoios que temos recebido”, explica Jorge. “Está fora de questão que estas pessoas paguem o que quer que seja para participar, e mesmo as escolas não têm dinheiro para o fazer. Pensando numa lógica de sustentabilidade, queremos ter projetos que venham a ser rentáveis, como o Parque Agrícola, para darem dinheiro para os que não o são.” Jorge Cancela sublinha ainda a importância do apoio da Fundação Gulbenkian: “É o que permite que pensemos assim, porque ao dar o apoio, não o dá ‘agarrado’ a nada, a não ser acreditar em nós. Deixa-nos crescer. Há miúdos que agora se interessam por seniores que antes nem sabiam que existiam. Não podemos fazer isto no mundo todo, mas se fizermos isto com meia dúzia de pessoas já é uma enorme alegria.”

Foi também a pensar na sustentabilidade que a AVAAL estabeleceu uma parceria com a Valorsul, para que esta entidade forneça compostores à associação. A compostagem é uma técnica de decomposição de resíduos orgânicos que permite obter uma espécie de terra, muito rica em húmus e nutrientes minerais. A AVAAL vai dar formação em compostagem nas escolas, para que não seja necessário voltar a comprar terra para as atividades.

No prazo hipotético de cinco anos, Jorge Cancela imagina que a AVAAL terá conseguido ter “o Parque Agrícola a funcionar em pleno e a gerar rendimentos sociais e, se possível, financeiros”. Adianta ainda que, nessa altura, espera que o trabalho desenvolvido tenha dado origem a “uma comunidade local mais estável, mais coesa socialmente, geracionalmente e entre cidadãos com todas as capacidades e cidadãos com menos capacidades, físicas ou mentais”. E, como a ambição de Jorge Cancela não se esgota na Alta da cidade, está já a pensar no projeto “Lisboa Produz”, que consiste no aproveitamento de terrenos que estejam abaixo do seu potencial, em toda a área de Lisboa, por pessoas com disponibilidade de tempo para os cultivarem, sendo que o excedente será vendido como produto de alta qualidade nutricional. ■



Um novo papel para os jardins botânicos



Winterbourne Gardens

Quatro jardins botânicos espalhados pelo Reino Unido integram a segunda fase de “Growing the Social Role of Botanic Gardens”, um projeto que tem como objetivo redefinir a missão social destes jardins. A iniciativa do Botanic Gardens Conservation International (BGCI), apoiada pela delegação londrina da Fundação Gulbenkian, foi desenvolvida pela primeira vez entre o outono de 2010 e o verão de 2011, período em que esteve associada a três jardins. A sua origem remonta ao relatório do BGCI *Towards a New Social Purpose: Redefining the Role of Botanic Gardens*, também apoiado pela Fundação, que recomendava aos jardins botânicos que cumprissem o seu papel social dentro de um quadro moderno de valores, missão e visão, de modo a manterem a sua relevância. Os quatro jardins selecionados para integrar a segunda fase do projeto são os Bristol Zoo Gardens, o Royal Botanic Garden Edinburgh, o University of Leicester Botanic Garden e o Westonbirt – The National Arboretum, cuja diversidade em termos de localização, escala e projetos é considerada importante para o desenvolvimento da iniciativa. Durante os próximos seis meses, através de *workshops* e apoio personalizado, o BGCI irá monitorizar a implantação de projetos-piloto que reformem a relação dos jardins com as comunidades locais e reforcem o seu compromisso para com a sociedade. Numa lógica de aperfeiçoamento de um modelo aplicável globalmente, o BGCI desenvolverá um *handbook* que documente o projeto e possa ser consultado por outros jardins que desejem rever o seu papel social.

Os três jardins abrangidos na primeira fase do programa foram a Winterbourne House and Gardens, o National Botanic Garden of Wales, e o Ness Botanic Garden. O Winterbourne House and Gardens foi convidado a associar-se a este projeto com a condição de trabalhar com a comunidade islâmica local, um setor pouco envolvido com as questões ambientais. Pretendia-se fomentar não só a educação ambiental dos participantes, mas também a integração destes na sociedade britânica. O National Botanic Garden of Wales, um esforço do governo galês para a investigação e para a conservação, tem revelado dificuldades em passar a mensagem à comunidade rural e envelhecida em que está inserido. A sua proposta de integração social, baseada num projeto artístico, foi entendida pelo BGCI como desfasada do programa e, depois de algumas iniciativas, o NBGW abandonou o projeto. Já no programa *Engaging Secondary Schools*, alunos de algumas das zonas mais pobres de Liverpool integraram atividades relacionadas com a agricultura, a ecologia e a conservação no Ness Botanic Garden. Esta experiência foi considerada pelos participantes como motivadora, atribuindo-lhes responsabilidades e contribuindo para a sua negligenciada educação ambiental.

Este projeto desempenha um importante papel na educação das comunidades para as práticas agrícolas sustentáveis, promovendo uma relação mais saudável e consciente da sociedade com o ambiente. ■

Ciência portuguesa marca pontos

Karina Xavier e Miguel Godinho Ferreira, cientistas do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), estão entre os cinco portugueses escolhidos pela prestigiada fundação americana Howard Hughes Medical Institute (HHMI) e vão ter os seus projetos científicos financiados por um período de cinco anos. Portugal foi um dos países com maior número de cientistas escolhidos.

Começaram por ser 760 cientistas, de 18 países, esperanças na classificação de “futuros líderes científicos”. Ficaram reduzidos a 55 semifinalistas, de 14 países. Finalmente, depois de um rigoroso e exigente processo de seleção, foram escolhidos **28 cientistas, de 12 países**. Cada investigador obtém financiamento no valor de 725 mil dólares (cerca de 560 mil euros), por um período de cinco anos, a serem utilizados, no caso dos investigadores em Portugal, em estudos de neurociências, parasitologia, envelhecimento e a comunicação entre bactérias.

“PESSOAS, NÃO PROJETOS”

A Howard Hughes Medical Institute é uma das maiores fundações mundiais, reconhecida pelo seu papel na promoção de descobertas em áreas de investigação cruciais para a saúde humana, como cancro, sida, doenças cardíacas e diabetes. Tendo como máxima “pessoas, não projetos”, apoiou cerca de 490 investigadores independentes, incluindo 13 prémios Nobel e 147 membros da Academia Nacional de Ciências dos EUA. Além dos laboratórios em 72 instituições norte-americanas, conta com 700 investigadores na sua lista de antigos doutorados.

OS PREMIADOS DO IGC: COMUNICAÇÃO ENTRE BACTÉRIAS E ENVELHECIMENTO

Karina Xavier e Miguel Godinho Ferreira estão no IGC desde 2006, como líderes de grupos de investigação. Karina Xavier é também investigadora do Instituto de Tecnologia Química e Biológica (ITQB). Karina estuda os mecanismos pelos quais as bactérias comunicam entre si. Espera poder manipular a comunicação entre bactérias da flora intestinal, de modo a tirar partido das suas propriedades protetoras contra doenças infecciosas e inflamatórias e desequilíbrios nutricionais.

Miguel Godinho Ferreira tem como objetivo compreender os mecanismos subjacentes ao processo de envelhecimento. Recorrendo ao peixe-zebra como organismo modelo, pretende manipular os processos que regulam o envelhecimento ao nível celular, reduzindo, dessa forma, a incidência de doenças como o cancro, na velhice. Miguel está particularmente



interessado em deslindar de que forma o encurtamento dos telómeros (estruturas protetoras localizadas nas extremidades dos cromossomas) contribui para o envelhecimento e para o cancro.

O SUCESSO DE PORTUGAL

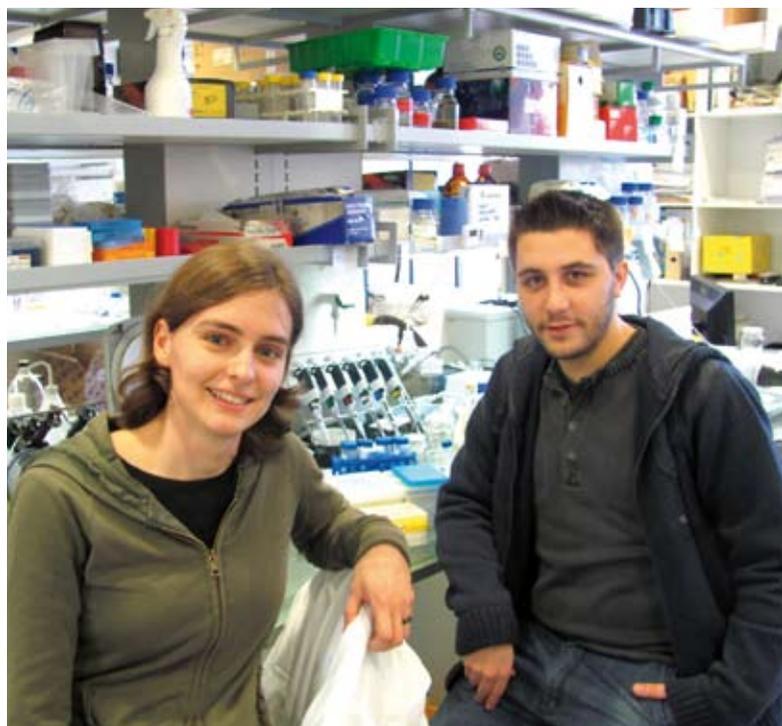
De entre os 12 países de origem dos cientistas, Portugal é aquele com o segundo maior número de premiados, *ex-aequo* com Espanha; a China foi o país com mais premiados (sete). Os vencedores deste programa inaugural são unânimes em realçar o sucesso retumbante das candidaturas nacionais. Para uma comunidade científica da dimensão da que existe em Portugal, uma proporção de cinco em 28 premiados é um claro sinal da qualidade dos cientistas que aqui trabalham e, sobretudo, da capacidade que os centros de investigação em Portugal têm para competir a nível internacional. Acreditam que, cada vez mais, se torna evidente que é possível fazer ciência de excelência em Portugal. Os investigadores realçam a necessidade de reforçar a aposta em ciência e tecnologia que se tem verificado nos últimos anos, de modo a dar tudo por tudo pela competitividade e pelo desenvolvimento científico-tecnológico do país. Além dos investigadores do IGC, foram premiados Luísa Figueiredo, do Instituto de Medicina Molecular, Megan Carey e Rui Costa, ambos do Centro Champalimaud para o Desconhecido. Os premiados têm em comum terem realizado investigação nos EUA, serem líderes de grupos de investigação há menos de sete anos (sendo, por conseguinte, considerados em “início de carreira”), terem publicado resultados marcantes nas suas áreas e apresentarem programas de investigação ambiciosos e de grande impacto futuro. ■

Biodiversidade, Genética e Evolução em novas bolsas de investigação OptimusAlive!Oeiras-IGC

Pelo terceiro ano consecutivo, o projeto de responsabilidade social da empresa Everything Is New, promotora do festival de música OptimusAlive, financia duas bolsas de investigação científica para jovens recém-licenciados, permitindo que possam iniciar o seu percurso científico no Instituto Gulbenkian de Ciência.

Entre cerca de uma centena de candidaturas de jovens recém-licenciados de todo o país, Célia Rodrigues, de 25 anos, e Diogo Santos, de 24 (na foto), são os vencedores das Bolsas OptimusAlive!Oeiras-IGC 2011/12. Terão a oportunidade de desenvolver projetos de investigação nas áreas da Biodiversidade e da Bioinformática, durante um ano.

O projeto de Célia Rodrigues, com o tema “Perda e fragmentação de habitat em Madagáscar, um ponto crítico de Biodiversidade”, vai realizar-se na equipa de Genética das Populações e da Conservação do IGC, com trabalho de campo em Madagáscar. Célia espera que o seu trabalho ajude a perceber melhor quais as medidas preventivas a instaurar em Madagáscar para ajudar na conservação dos lémures, “visto que os dados científicos são muitas vezes utilizados para implementar leis que visam a conservação das espécies”. Salaria a importância de “apresentar este trabalho em vários círculos para que o problema de perda de habitat seja do conhecimento geral e estimule, assim, a preservação do ambiente em Madagáscar”. Célia e os seus colegas esperam contribuir para que a ilha se torne uma prioridade para a conservação e implementação de planos de diversidade genética dos lémures e, posteriormente, de outras espécies. O projeto de Diogo Santos lança a pergunta: “Por que razão, depois de milhões de anos, as infeções genómicas ancestrais ainda causam doenças?” Estará inserido nas equipas de Genómica Computacional e de Fisiologia de Linfócitos do Instituto Gulbenkian de Ciência, com colaborações em França. O projeto consiste na identificação de sequências genéticas responsáveis pelo aparecimento de alguns tipos de cancro. Trata-se de um passo muito importante para



a compreensão dos mecanismos subjacentes ao aparecimento de cancro, que poderá levar a melhores estratégias de diagnóstico e terapêutica. A Bioinformática desempenha um papel central, servindo de ponte de ligação entre as várias áreas envolvidas e permitindo um maior conhecimento do funcionamento dos mecanismos cancerígenos.

A PARCERIA EVERYTHING IS NEW-INSTITUTO GULBENKIAN DE CIÊNCIA

O IGC estabeleceu com a Everything Is New, em 2007, uma parceria inédita, que tem resultado na divulgação de ciência no Festival OptimusAlive (com cerca de 800 visitantes por ano no espaço ciência) e no financiamento, pela Everything Is New, de duas bolsas de investigação científica por ano, desde 2009, destinadas a jovens recém-licenciados. Os principais objetivos desta parceria são incentivar a investigação científica em áreas fundamentais para o planeta Terra; incentivar o envolvimento das empresas no financiamento privado da ciência; motivar os jovens para a ciência e para as carreiras de investigação científica e aproximar a ciência da sociedade.

O concurso para a atribuição das Bolsas OptimusAlive!-IGC contou com 74 candidaturas em 2009 e 120 em 2010. Alexandre Leitão e João Alves foram os vencedores destas bolsas em 2009. Desenvolveram projetos de investigação nas áreas da biodiversidade e evolução do sistema imunitário. Em 2010, as bolsas foram atribuídas a Francisco Freixo e a Sam Viana, cujos projetos foram desenvolvidos nas áreas da malária e da biodiversidade. ■

Prémios à investigação

Nove investigadores portugueses vão receber apoio do Serviço de Ciência da Fundação Gulbenkian, ao abrigo do Programa de Estímulo à Investigação e do Programa para a Internacionalização das Ciências Sociais em Portugal. As distinções serão entregues no dia 6, numa cerimónia no auditório 3 da Fundação.

Programa de Estímulo à Investigação

O Programa tem como objetivo estimular entre os jovens, com idade até 26 anos, a criatividade e a qualidade na atividade de investigação científica, distinguindo anualmente propostas de investigação de elevado potencial criativo em áreas científicas, no âmbito das disciplinas básicas. O programa contempla ainda a respetiva execução em centros de investigação portugueses e os resultados dos trabalhos de investigação deverão ser publicados. Aos investigadores selecionados é atribuído o montante de dois mil e quinhentos euros e a cada uma das respetivas instituições onde os trabalhos são desenvolvidos a verba de dez mil euros. Em 2011 foram apresentadas a concurso 54 candidaturas, tendo o júri decidido distinguir os seguintes investigadores, instituições e projetos:

QUÍMICA (ÁGUA POTÁVEL/COMIDA SAUDÁVEL/AR PURO)

Diana Mendes Freire

Laboratório Associado ReQuimTe, Universidade Nova de Lisboa.

Chlorite dismutase from perchlorate-reducing bacteria: a potential biocatalyst to eliminate chlorinated species from polluted water resources and industrial wastes.

Cláudia Alexandra Guindeira Ferreirinha

INESC – Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores do Porto, Universidade do Porto.

Lab-on-a-chip: Rapid detection of E.coli.

FÍSICA (TEÓRICA/EXPERIMENTAL/APLICADA)

Tomás de Campos Aquino

Centro de Física da Matéria Condensada da Universidade de Lisboa.

Filodinâmica da gripe A: um modelo simples para um sistema complexo.

João Dias Caetano Silva

Centro de Física da Universidade do Porto.

Em busca da solução analítica para a Teoria Padrão $N=4$ Super Yang-Mills.

MATEMÁTICA (ÁLGEBRA/LÓGICA MATEMÁTICA)

Andreia Filipa Torcato Mordido

Instituto de Telecomunicações.

Lógicas para Segurança de Informação.

Jocelyn Lochon

Centro de Estruturas Lineares e Combinatórias da Universidade de Lisboa.

Supercaracteres e caminhos aleatórios em p -grupos.

CIÊNCIAS DA TERRA E DO ESPAÇO (GEOFÍSICA/ASTROFÍSICA)

Ana Filipa Ferreira Bastos

Instituto Dom Luiz, Universidade de Lisboa.

Influência da Variabilidade Climática na Dinâmica da Vegetação e no Ciclo de Carbono na região Euro-Asiática.

Noel Alexandre Fontes Moreira

Centro de Geofísica de Évora (CGE), Universidade de Évora.

A zona de cisalhamento de Tomar–Badajoz–Córdova no contexto das suturas variscas ibéricas.

Programa para a Internacionalização das Ciências Sociais

O Programa destina-se a investigadores portugueses e estrangeiros, com idade inferior a 40 anos, que trabalhem em instituições portuguesas. À investigadora distinguida nesta edição será atribuído o montante de cinco mil euros. Em 2011, foram admitidos a concurso artigos publicados, ou aceites para publicação, em revistas internacionais de referência entre os anos 2009 e 2010.

O júri distinguiu **Sofia d'Aboim Inglez**, do Instituto de Ciências Sociais de Lisboa, pelo artigo “Gender cultures and the division of labour in contemporary Europe: a cross-national perspective”, publicado em 2010 na *Sociological Review*. ■

Novo Prémio Calouste Gulbenkian

Candidaturas até 15 de abril

No dia 20 de Julho, a Fundação Gulbenkian atribuirá o primeiro Prémio Calouste Gulbenkian, no valor de 250 mil euros, a uma instituição ou a uma pessoa, portuguesa ou estrangeira, que se tenha distinguido pelo seu papel na defesa dos valores essenciais da condição humana. A receção de candidaturas, nacionais e internacionais, **começa no dia 15 de fevereiro e termina a 15 de abril.**

O prémio anual terá a duração de cinco anos e as candidaturas serão avaliadas por um júri presidido por Jorge Sampaio. A decisão final caberá ao Conselho de Administração da Fundação. Este Prémio surge em substituição dos cinco prémios Gulbenkian atribuídos entre 2007 e 2011, nas áreas

dos Direitos Humanos e Ambiente, da Arte, Ciência, Beneficência e Educação. Criados para assinalar o cinquentenário da Fundação, em 2006, os Prémios Gulbenkian distinguiram mais de três dezenas de pessoas e instituições ao longo de cinco anos.

Este novo Prémio Calouste Gulbenkian, tal como anunciado pelo presidente da Fundação a 20 de Julho do ano passado, tem uma maior dotação orçamental, âmbito mais alargado e distinguirá uma pessoa ou uma instituição, independentemente da sua nacionalidade. ■

Mais informações e candidaturas online em www.gulbenkian.pt

Investigador italiano ganha

Prémio Internacional Fernando Gil



Niccolò Guicciardini, especialista em História das Ciências Exatas, é o vencedor do Prémio Internacional Fernando Gil 2011 pela sua obra intitulada *Isaac Newton sobre a Certeza Matemática e o Método* (MIT Press, 2009).

Esta é a 2.ª edição do Prémio, no valor de 125 mil euros, que resulta de uma iniciativa

conjunta do Governo português (Fundação para a Ciência e Tecnologia) e da Fundação Calouste Gulbenkian para homenagear a memória e a obra do filósofo português Fernando Gil (1937-2006). Tem por objetivo distinguir um trabalho de qualidade excepcional no domínio da Filosofia da Ciência, que considere quer problemas epistemológicos gerais quer questões relativas a áreas científicas específicas, da autoria de investigadores de qualquer nacionalidade ou afiliação profissional.

A cerimónia de entrega do prémio realiza-se na Fundação, a 19 de março, data em que se assinala a morte de Fernando Gil. Na ocasião, o investigador distinguido vai proferir a palestra *Philosophy of mathematics and mathematical practice: the case of Isaac Newton's conceptions of mathematical certainty and method.*

Nascido em 1957, Niccolò Guicciardini é professor de História da Ciência na Università degli Studi di Bergamo (Itália), sendo licenciado em Filosofia (1982) e em Física (1992). Obteve ainda o grau PhD (doutoramento) em História da Matemática. A sua área de especialização é a História das Ciências Exatas nos séculos XVII e XVIII.

Na sua 1.ª edição, em 2010, o Prémio Internacional Fernando Gil foi entregue a Ladislav Kvasz, um matemático e filósofo eslovaco.

O júri internacional que decidiu a atribuição do Prémio Fernando Gil 2011 foi presidido por Jean Petitot, da École des hautes études en sciences sociales de Paris, tendo ainda integrado Henri Atlan, Per Aage Brandt, Donald Gillies, Giulio Giorello, Filomena Molder, Manuel Silvério Marques e Bertrand Saint-Sernin. ■



Melhorar a visão em Moçambique

A Fundação Calouste Gulbenkian apoia o programa Olhos de Moçambique, que tem vindo a ser desenvolvido no país pela Fundação Olhos do Mundo. Esta Fundação, com sede em Barcelona, que existe desde 2001 e conta com o trabalho voluntário de profissionais da saúde espanhóis e portugueses, especializou-se no suporte dado a tratamentos oftalmológicos em países cujas populações carecem de meios. Moçambique, uma nação cujo Índice de Pobreza Humana é de 50,6%, que conta com 160 mil cegos e 720 mil pessoas com graves problemas de visão, beneficia do programa Olhos de Moçambique desde 2002.

Em colaboração com o Ministério da Saúde e em particular com o Hospital Central de Maputo, a Direção Provincial de Inhambane e o Hospital Provincial desta região, a Fundação Olhos do Mundo já proporcionou 15 mil consultas oftalmológicas e quatro mil intervenções cirúrgicas à população

moçambicana, para além de ter investido com resultados reconhecidos na formação do pessoal sanitário local e na prevenção de patologias oculares e de ter dotado de equipamentos os serviços locais de Oftalmologia.

Um dos rostos da aposta na formação de pessoal sanitário local é o médico Abel Campos, que se formou em Oftalmologia graças a uma bolsa e já exerce no Hospital Provincial de Inhambane.

O apoio da Fundação Gulbenkian ao programa Olhos de Moçambique iniciou-se em 2007 e tem-se concentrado essencialmente na formação e qualificação do pessoal sanitário moçambicano, de resto um dos âmbitos privilegiados pelo programa. Até 2013, o projeto pretende consolidar a cooperação oftalmológica com o propósito de melhorar a saúde ocular da população da província de Inhambane. ■

www.ullsdelmon.org



Rodagem do filme *A Vossa Casa*

A VOSSA CASA

Raul Lino (1879-1974) foi uma das figuras cimeiras da arquitetura do nosso país, tendo sido membro fundador da Academia Nacional de Belas-Artes, à qual presidia aquando da sua morte. Abordando a relação entre edifício e natureza na obra de Raul Lino e a sua conceção de “casa portuguesa”, João Mário Grilo procura em *A Vossa Casa* não só proporcionar ao espectador um documento informativo sobre o legado do arquiteto, mas representar a estética deste. Contando também com o apoio do Instituto do Cinema e do Audiovisual e da RTP, *A Vossa Casa* sustenta-se em entrevistas com especialistas na obra de Raul Lino, em materiais de arquivo e em livros e artigos de opinião nos quais o arquiteto deixou o seu pensamento. É também protagonista do documentário o espólio de Raul Lino que está integrado nas coleções da Fundação Gulbenkian.

O PORTO VISTO POR ÁLVARO SIZA

O filme de José Fonseca e Costa tem como tema a cidade do Porto, sendo “o olhar de Álvaro Siza, internacional e local, culto e popular, temperado pelo labor continuado e incessante da obra que vai erguendo, trazendo novas de fora, levando para fora o que foi concebido dentro”, na opinião do realizador, uma contribuição decisiva para a singularidade do projeto. O realizador pretende mostrar também aos próprios portuenses uma perspetiva inédita da cidade. Uma longa entrevista de Fonseca e Costa ao arquiteto é o fio

Novos filmes portugueses

José Fonseca e Costa, João Mário Grilo e Pedro Costa têm novos filmes apoiados pela Fundação Gulbenkian. Raul Lino e Siza Vieira são figuras centrais nos filmes de João Mário Grilo e Fonseca e Costa, enquanto Pedro Costa volta ao cenário das Fontainhas para realizar um retrato da comunidade que se tornou familiar nos seus anteriores filmes.

condutor do filme, que se socorre visualmente de imagens de ruas, praças, estátuas, jardins, igrejas e edifícios da Invicta, sendo o rio Douro uma presença constante. O Porto surge aqui como uma fonte de inspiração cuja influência se manifesta em incontáveis exemplos na obra de Siza Vieira.

CEM MIL CIGARROS

Pedro Costa descreve este filme como “o relato dos pequenos detalhes e acontecimentos da vida banal e anónima que ordenaram os nossos ‘Filmes das Fontainhas’”, a trilogia filmada no bairro homónimo. “Mais do que um tratamento cinematográfico, desnecessário e prematuro”, *Cem Mil Cigarros*, que partilha o título com uma monografia da sua obra, marcará o regresso do realizador ao universo dos “Filmes das Fontainhas”.

Pedro Costa tem conhecido um percurso aclamado pela crítica internacional. A estética sóbria e o recrutamento de atores inexperientes, que confere a alguns dos seus filmes uma autenticidade próxima do documentário, são características da sua obra, bem como a predileção pelos cenários e comunidades urbanas e excluídas.

Pedro Costa estreou-se nas longas-metragens em 1989 com *O Sangue* e em 2009 recebeu o Prémio Gulbenkian Arte. Foi também um dos realizadores do projeto *O Estado do Mundo, um filme em seis partes*, encomendado pela Fundação no âmbito das comemorações do seu cinquentenário e, posteriormente, exibido em mais de vinte festivais internacionais de cinema. ■



Le Portrait de Manon com Susana Gaspar (à esquerda).

Royal Opera House aposta em talentos portugueses

Asoprano Susana Gaspar e o encenador Pedro Ribeiro são os primeiros portugueses a participar no programa artístico Jette Parker, promovido pela Royal Opera House (ROH), em Londres. O programa, por onde já passaram figuras hoje reconhecidas mundialmente – como Marina Poplavskaya –, destina-se a jovens artistas de todo o mundo, em início de carreira. Em 2011, Susana e Pedro foram aceites no programa que selecionou apenas seis entre 478 candidaturas. Durante dois anos, estarão a trabalhar como funcionários da ópera londrina, na montagem de espetáculos próprios ou colaborando na produção das grandes peças que fazem parte da programação da ROH. Recebem treino para refinar as suas qualidades artísticas, sejam de canto, direção de orquestra ou encenação.

A primeira “prova” destes jovens artistas emergentes decorreu em outubro último, com a apresentação no estúdio de teatro da ROH de *Le Portrait de Manon* (Massenet) e *Les Nuits d’Été* (Berlioz). Pedro Ribeiro encenou e Susana Gaspar figurou entre as intérpretes. “Começar o meu trabalho com uma dupla produção foi uma verdadeira aventura”, diz Pedro Ribeiro, que em 2007 foi também selecionado para

o curso de Encenação de Ópera do Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística. “Mas o resultado foi muito bem recebido pelo público e, a partir desse momento, tudo se tornou mais fácil e claro”, continua Pedro, que está agora a trabalhar como assistente de encenação residente nas reposições de *D. Giovanni* e de *La Bohème*, entre outros projetos programados para o palco principal da ROH. Não poupa elogios ao profissionalismo e à organização da “casa”, onde também diz haver um ambiente acolhedor.

Susana Gaspar, antiga bolsista Gulbenkian em Londres, “gostaria de cantar por todo o mundo”. O objetivo desta admiradora de Maria Callas e de Jessye Norman é construir uma carreira internacional, apesar de nomear o Teatro Nacional de São Carlos como uma referência especial: “Foi o local do meu primeiro encontro com a ópera.” O balanço que faz dos primeiros meses de trabalho na ROH é “absolutamente fantástico” e alinha pelo mesmo diapasão de Pedro Ribeiro quando sublinha o acolhimento caloroso dos profissionais que encontrou na instituição londrina: “Não senti necessidade de adaptação, sinto-me em casa.” ■

Concurso para apoio a projetos do ensino superior

Termina este mês a receção de candidaturas aos cinco concursos para projetos na área do ensino superior. Os interessados em **Atividades de Reforço da Capacidade Científica** devem candidatar-se até ao dia 2. Seguem-se os restantes concursos: **Programa de Mobilidade Académica para Professores** (até 6 de fevereiro); **Projetos Inovadores no Domínio Educativo** (9 de fevereiro); **Programas de Mobilidade Académica para Estudantes de Doutoramento** (até ao dia 13); e, por último, até ao dia 16, o **Apoio a Atividades Culturais e Científicas Circum-Escolares**. Todos os interessados deverão apresentar a sua candidatura online através de www.gulbenkian.pt. ■

Concerto do Ano: Peter Brötzmann no Jazz em Agosto

A revista jazz.pt elegeu o concerto no Jazz em Agosto de Hairy Bones, um projeto de Peter Brötzmann, como o melhor de 2011. O festival de jazz da Fundação Gulbenkian domina as escolhas desta publicação na categoria de “Melhores Concertos”, com John Hollenbeck Large Ensemble, Lean Left – The Ex Guitars meet Nilssen-Love / Vandermark Duo, Fire!, Cecil Taylor, Little Women, Ingrid Laubrock Anti-House a figurarem igualmente no top do painel crítico desta publicação.

O quarteto de Brötzmann, um dos mais importantes nomes do freejazz europeu, atuou no dia 12 de Agosto no Anfiteatro ao Ar Livre, e os respeitáveis 70 anos do saxofonista e clarinetista não o impediram de criar um concerto pleno de energia e improvisação, baseado em grande medida no trabalho Die Like A Dog. Depois desta que foi a terceira passagem do músico alemão pelo Jazz em Agosto – sempre com projetos diferentes –, os fãs podem agora esperar pelo registo deste concerto memorável, que será editado em breve pela Clean Feed, no âmbito da Jazz em Agosto Series, uma parceria da editora com a Fundação Gulbenkian. ■

Diagnosticar a Tuberculose

Formar técnicos de Saúde na área do diagnóstico laboratorial da tuberculose, nos países que integram a CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), é o objetivo do ForDILAB TB: Formação em Diagnóstico Laboratorial de Tuberculose, projeto promovido e apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, com cofinanciamento da CPLP. O projeto começará já este ano, com a colaboração do Instituto de Higiene e Medicina Tropical e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge. O controlo da epidemia – que afeta anualmente mais de 9,4 milhões de pessoas e causa mais de 1,3 milhões de mortes – depende muito da melhoria e rapidez do diagnóstico laboratorial e da sua fiabilidade, condições para as quais é decisiva a existência de recursos humanos qualificados. ■

Estudo sobre hipertensão arterial em Angola

No âmbito do projeto de criação de um Centro de Investigação em Saúde em Angola (CISA), realizou-se, no final de 2011, na província do Bengo, uma recolha de dados que permitirá conhecer, enquanto problema de saúde pública em Angola, a importância da hipertensão arterial, bem como de outros fatores de risco cardiovascular. No estudo participaram cerca de 1500 adultos, dos quais 250 apresentaram pressão arterial elevada, tendo sido oferecido acompanhamento e tratamento no Hospital Geral do Bengo, em consulta criada para o efeito. ■

Curadora portuguesa no Jeu de Paume

Acuradora e crítica de arte Filipa Oliveira foi convidada pela galeria nacional Jeu de Paume, em Paris, para criar a programação de 2012 de Satellite, um programa de exposições concebido para espaços não convencionais dentro do museu. Os quatro artistas escolhidos por Filipa Oliveira – Jimmy Robert (França), Tamar Guimarães (Brasil), Rosa Barba (Itália) e Filipa César (Portugal) – serão apresentados sob o título geral “O presente é uma terra estrangeira” e mostram como a exploração de um conjunto de imagens e de materiais, que constitui o presente dos artistas, influencia a nossa própria compreensão da história, da cultura e da vida. A edição deste ano começa a 21 deste mês e prolonga-se até janeiro de 2013, contando com o apoio da Fundação Gulbenkian, do Instituto Camões e da Embaixada de Portugal em França. ■

Apoio às artes performativas

Rui Catalão e David Pereira Bastos receberam um apoio da Fundação Gulbenkian para apresentar as suas mais recentes criações, respetivamente *Melodrama para 2 Atores & 1 Fantasma*, e *Sangue*. A primeira é uma criação na área da dança que cruza as linguagens da performance, do teatro e do cinema. Desenvolvida em várias residências artísticas ao longo do ano de 2011, teve o apoio do Teatro Maria Matos e da Companhia Contemporânea de Dança de Évora, cidade que acolheu a estreia. Quanto ao projeto de David Pereira Bastos, *Sangue*, baseia-se na peça *Titus Andronicus* de William Shakespeare, e terá uma encenação multimédia com uma forte componente musical. Para além do apoio da Casa Conveniente, esta peça garantiu também a comparticipação financeira do Teatro Maria Matos, onde irá estrear. ■

Parceria com a Fundação Maison des sciences de l'homme

A fundação francesa Maison des sciences de l'homme, promotora do estudo das ciências humanas no quadro do mundo contemporâneo, estabeleceu uma parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian no sentido de ver apoiado o seu projeto de Collège d'études mondiales, nomeadamente nas áreas relacionadas com a política, a economia e a cultura. Pensar globalmente as grandes questões do mundo contemporâneo é um dos objetivos do Collège, que conta com destacados nomes das ciências humanas como professores, entre eles os de Manuel Castells, Ulrich Beck ou Hervé Le Bras. ■

Paula Rego em Paris



Embaixador Seixas da Costa e Senhora, Paula Rego, Helena de Freitas e Emilio Rui Vilar.

As novas instalações da Fundação Gulbenkian em Paris, no Boulevard de la Tour Maubourg, encheram-se de visitantes para a inauguração, no dia 25 de Janeiro, da primeira exposição individual de Paula Rego em França. A mostra comissariada por Helena de Freitas, diretora da Casa das Histórias – Paula Rego, reúne cerca de três dezenas de obras e pode ser visitada até 1 de abril. ■

Salaviza em Roterdão

Cerro Negro e Viento Sur, duas curtas metragens encomendadas pelo Programa Gulbenkian Próximo Futuro em 2011 e realizadas, respetivamente, por João Salaviza (Portugal) e Paz Encina (Paraguai), foram exibidas no Festival de Cinema de Roterdão no final de janeiro. Projetadas na secção Spectrum, ambas as obras foram produzidas pela Filmes do Tejo. ■

Coreografias acidentais de uma pintora em Berlim

O QUE SIGNIFICOU PARA SI ESTA RESIDÊNCIA EM BERLIM?

A residência na Künstlerhaus Bethanien foi para mim um ano produtivo de trabalho com condições ótimas, numa cidade e ambiente muito estimulantes. Foi uma oportunidade para trabalhar com muita independência. Estando num contexto artístico novo para mim, significou também uma ótima introdução a Berlim. Na residência vivem e/ou trabalham cerca de 25 artistas de todo o mundo, a maior parte também pelo período de um ano. É uma residência em que, apesar de não haver um programa de trabalho conjunto, se podem criar ligações com outros artistas e partilhar processos de trabalho.

QUE PROJETO APRESENTOU NO FINAL DA RESIDÊNCIA?

A exposição *An Oblique Fiction* que fiz em setembro de 2011, também na Bethanien, incluiu um grupo de pinturas sobre papel realizadas durante a residência. Foi um trabalho que resultou de um olhar menos informado sobre Berlim, que conhecia superficialmente, e que produziu objetos que põem



*Isabel Simões | 30 anos | Área: Belas-Artes**

em evidência a parcialidade e subjetividade no conhecimento que se vai fazendo da cidade. A distorção ou alongamento das imagens, assim como um ângulo oblíquo dominaram as pinturas, que em geral se relacionam com perceção em movimento. O meu trabalho também abordou os diversos usos que os berlinenses fazem dos espaços exteriores, principalmente dos jardins. Berlim é uma cidade muito verde e que muda bastante na sua aparência e uso ao longo do ano. Há uma maneira muito lúdica de estar nos jardins na primavera e no verão. Interessou-me esta mudança que acontece no uso dos espaços exteriores, influenciada pela meteorologia, mas também, a um nível mais macro, pelas mudanças históricas. Há uma cultura de reutilização e muitos edifícios e equipamentos, carregados de história, passam a ter novos usos, são reinterpretados e potenciam novos olhares e relações. Também o facto de Berlim ser uma capital simbólica e cultural, com muitos imigrantes, e pessoas em trânsito, potencia estas novas relações com os espaços.



**“PARTITURA” E “FORMA INVULGAR DE COREOGRAFIA”
FOI O MODO COMO O CURADOR CHRIS SHARP DESCREVEU
AS SUAS PINTURAS. CONCORDA?**

Sim, o Chris Sharp acompanhou, em certo momento, o trabalho que estava a fazer para esta exposição e escreveu o texto “Coreografias acidentais” (“Contingent choreographies”) que integra o livro, feito em colaboração com o Gonçalo Branco (amigo e *designer*) e editado pela Künstlerhaus Bethanien.

Do mesmo modo que as imagens de onde parti para esta exposição tinham uma relação com movimento, as obras também foram sendo pensadas para tomarem posições específicas no espaço de exposição e se relacionarem com o movimento do espectador. A montagem estava muito relacionada com ângulos de visão sobre o trabalho, propondo alguns pontos de vista privilegiados para ver as obras, onde elas se revelavam mais ou menos ilusórias na sua espacialidade. Ao longo do percurso pela exposição, a percepção das imagens ia mudando. Nesse sentido, pode ser atribuído ao espectador um papel performativo, ao ser de algum modo guiado pelas imagens nos seus movimentos no espaço. O conjunto de trabalhos também funcionou como uma unidade subtilmente cenográfica, propondo um espaço ficcional.

FINDA A RESIDÊNCIA, O QUE SE SEGUE?

Neste momento, estou de volta a Berlim, para aqui viver mais algum tempo e continuar a integrar-me na cidade. Penso estar nos próximos tempos entre Berlim e Lisboa. Também está nos meus planos, para o futuro, continuar a minha formação.

**BERLIM É UMA CIDADE IDEAL PARA A REALIZAÇÃO DE UM
ARTISTA?**

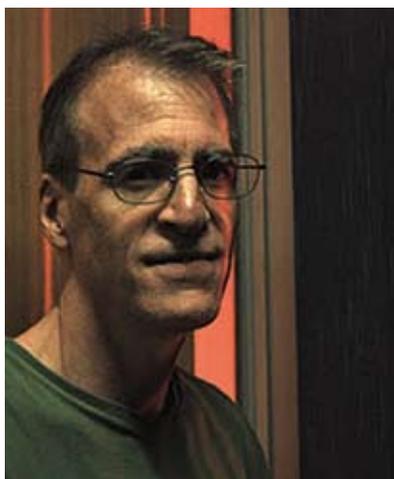
Berlim é uma cidade muito jovem onde a percentagem de artistas é enorme. É muito bom poder conhecer pessoas de qualquer parte do mundo e partilhar maneiras diferentes de pensar e fazer. É também um lugar em constante mudança, onde é talvez mais simples fazer algo acontecer, onde um carácter provisório permite que o fazer se torne mais leve. Apesar de em mudança, Berlim é ainda uma cidade para jovens artistas. É, principalmente, um bom lugar para criar e partilhar trabalho. Como grande capital, é também uma cidade com muitas “camadas” ou contextos, muitas cidades, e, claro, uma oferta cultural enorme e diversa.■

** Bolseira da Fundação Gulbenkian na Residência Artística Bethanien, Berlim (Bolsa João Hogan)*

“Sê plural como o universo!”

Por Richard Zenith

Escritor e curador da exposição *Fernando Pessoa: Plural como o Universo*



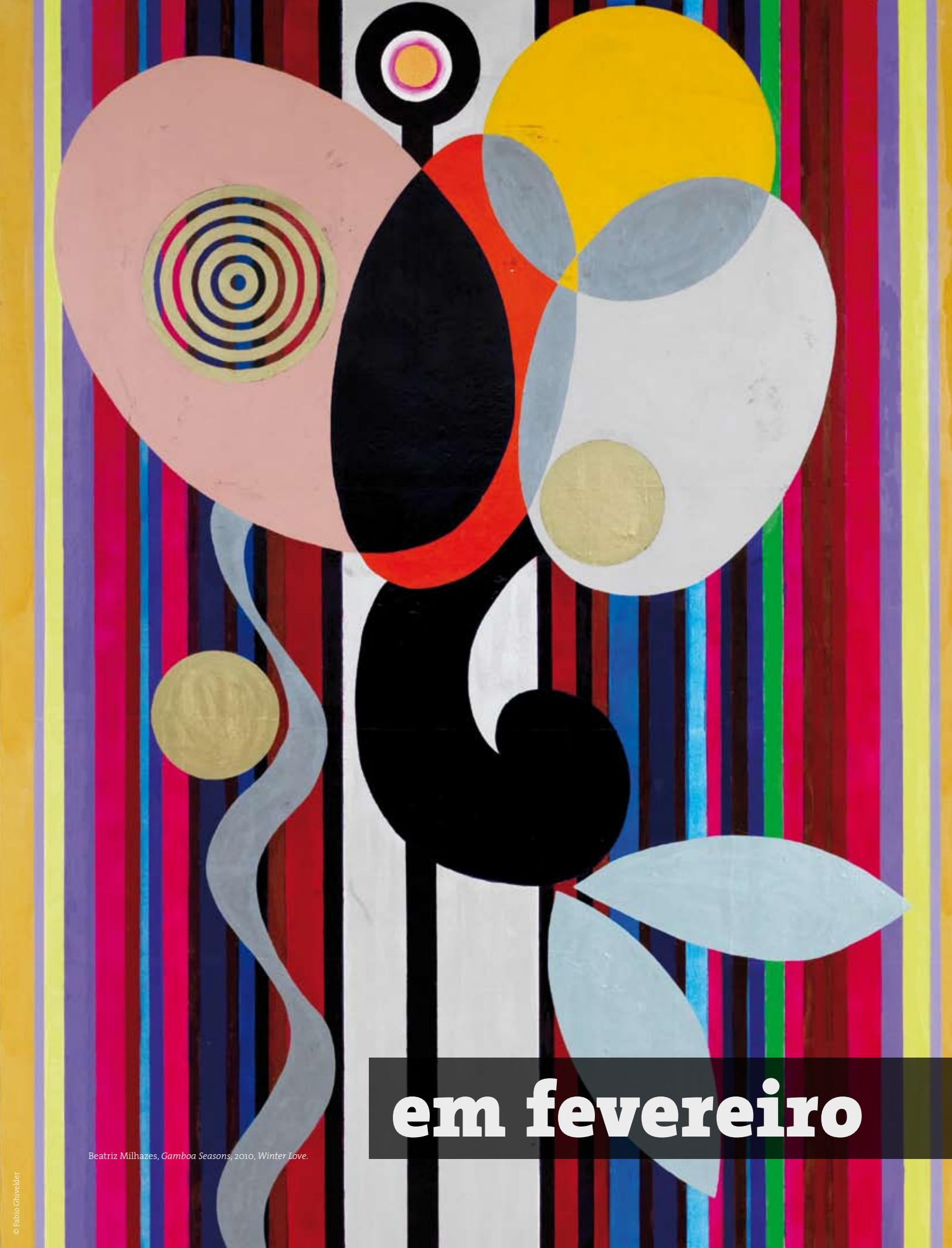
Quando, há mais de vinte anos, comecei a pesquisar na mítica arca de Fernando Pessoa – refiro-me, é claro, ao seu precioso conteúdo, que já estava à guarda da Biblioteca Nacional –, depressa encontrei o manuscrito original de uma frase que conhecia e que muito apreciava: “Sê plural como o universo!” Minto. Não foi o manuscrito que vi, mas sim, uma imagem microfilmada do mesmo. Naqueles tempos, foi difícil obter uma autorização para consultar os originais de Pessoa e, mesmo quando passei a organizar edições da sua obra (*o Livro do Desassossego, A Educação do Estoico, Heróstrato...*), só fui autorizado a ver um determinado manuscrito ou datiloscrito em situações especiais, como quando, por lapso, não tinham sido microfilmados. Depois, não sei bem porquê, o acesso aos originais tornou-se muito fácil, deixando depois de o ser (e com razão) quando o espólio foi digitalizado.

Há mais de vinte anos, dizia, tirei uma fotocópia da referida frase a partir do microfilme, e foi suficiente para que ela ganhasse, para mim, mais força ainda do que já tinha. Vi a frase isolada no topo de uma folha, seguida de muito espaço em branco, como se o autor tivesse começado com a ideia de encher a página, mas, tendo escrito cinco palavras e um ponto de exclamação, percebesse que o texto estava completo: “Sê plural como o universo!”

As palavras inclinam-se um pouco, não muito, para cima. A caligrafia é perfeitamente fluida, sem esforço, como se as letras se tivessem escrito a si próprias. Ora (perguntei-me, então), *para quem foram escritas ou se escreveram essas palavras imperativas?* Para Fernando Pessoa, claramente. E também, claramente, para cada um de nós.

Percebi, mais tarde, que assim é com tudo, no mundo segundo Pessoa. O fingimento, o “drama em gente”, as “ficções do interlúdio”, o “Não sou nada”, o “Deus sou eu”, o “Navegar é preciso” e todos os outros conceitos e frases emblemáticos do escritor dizem-nos respeito. O exemplo de Pessoa foi feito para exportação. Ele não achava, suponho eu, que deveríamos todos ter heterónimos, mas instava a que não fôssemos mental ou espiritualmente parados, que fôssemos outro constantemente.

Fazer uma exposição a partir de uma obra feita para ser lida é um desafio arriscado. A nossa proposta para a exposição *Fernando Pessoa: Plural como o Universo* é duplamente arriscada, pois para além de esperar que o visitante encontre, ou reencontre, algo do poeta que o impressione, o toque, esperamos também que se confronte com a sua própria condição de ser plural, muitos, em permanente viagem por mundos tão vastos que, por mais que os conheça, quase não os conhece ainda. ■



em fevereiro

Beatriz Milhazes, *Gamboa Seasons*, 2010, *Winter Love*.

O Brasil em Lisboa

Este é o ano em que Portugal e Brasil trocam iniciativas para dar a conhecer as suas culturas de um e do outro lado do Atlântico. Na galeria de exposições temporárias da Fundação, mostra-se o olhar português e brasileiro na exposição Fernando Pessoa: Plural como o Universo, a partir de 10 de fevereiro. No dia 17, o Centro de Arte Moderna mostra dois dos expoentes máximos da arte contemporânea brasileira, as artistas Beatriz Milhazes e Rosângela Rennó, com as exposições Quatro Estações e Frutos Estranhos.

BEATRIZ MILHAZES

Quatro estações

Beatriz Milhazes (1960, Rio de Janeiro) inspira-se no ambiente tropical, na história e na cultura do Brasil para criar os motivos básicos das suas pinturas plenas de cor. Flores, arabescos, ornamentos abstratos, formas geométricas e padrões rítmicos

cruzam-se nas suas composições, expandindo um espaço plano cuja profundidade surge da colorida dinâmica dos elementos decorativos.

Esta exposição é constituída por quatro novas pinturas monumentais representando as quatro estações do ano, acompanhadas por sete impressionantes colagens, uma escultura móvel e uma obra inédita, em vinil, criada especialmente para esta mostra.

É a primeira vez que a artista, que também se dedica à cenografia e conceção de palcos teatrais, fachadas, têxteis e cerâmica, trabalha com pinturas de grandes dimensões. De início, cada um dos quadros era autónomo, mas a artista rapidamente se apercebeu de que existia uma forte ligação entre os quatro, pelo facto de terem sido pintados em paralelo, acabando por formar uma unidade. Mas, enquanto as três primeiras estações se caracterizam por grandes motivos florais e cores exuberantes, *Winter* (inverno) dá corpo a uma forma abstrata e quase corpórea sobreposta a linhas verticais simétricas. A altura dos quatro quadros é a mesma, mas a largura corresponde proporcionalmente à duração da respetiva estação do ano no Rio de Janeiro.

A exposição *Quatro estações* realiza-se em parceria com a Fundação Beyeler de Basileia (Suíça).

CAM – Hall, Nave e Sala A

Curadoria: Michiko Kono e Isabel Carlos

17 de fevereiro-13 de maio

ROSÂNGELA RENNÓ

Frutos estranhos

Esta exposição antológica cobre mais de duas décadas de trabalho da artista. O título, retirado de uma série de obras de 2006, constitui uma boa síntese da relação da artista com a fotografia e com o universo das imagens técnicas. Nascida em Belo Horizonte em 1962, Rosângela não é uma fotógrafa no sentido tradicional do termo, dado que as ima-



Beatriz Milhazes, *Gambôa Seasons*, 2010, Mobile



Rosângela Rennó, *Lagoa*, 2006, da série *Frutos estranhos*, fotograma de vídeo.

gens que compõem a sua obra não resultam de um ato operado inicialmente por si: não foi ela que carregou no botão, que enquadrou, que registou. Rosângela é uma recoleitora de imagens de diversas proveniências, desde álbuns de família a fotografias de jornais e de agências de informação, passando por obituários, fotos de identificação e de arquivos cadastrais ou ainda memórias turísticas.

Essas imagens – com exceção do seu trabalho em vídeo – são recontextualizadas, reenquadradas, ampliadas, reimpressas. São, de algum modo, frutos de uma árvore-vida que a artista se limita a colher e depois a mostrar, a dispor, por vezes de um modo estranho, que nos leva a vê-los, a esses frutos do olhar e da memória dos outros, com uma nova visão e cosmogonia.

Conceptual e politicamente empenhada, Rennó expõe-nos vítimas de atos de violência e de exclusão social, desde presidiários a simples anónimos, mas denuncia também a fotografia como ato de manipulação.

A exposição segue para Zurique onde será exibida na Fotomuseum Wintherthur, entidade parceira desta iniciativa.

CAM – Galeria 1 e Sala B

Curadoria: Isabel Carlos

17 de fevereiro-6 de maio

Ainda no CAM

A KILLS B

A mata B

A mata B do coletivo de artistas A Kills B (Hugo Canoilas e João Ferro Martins) apresenta uma instalação (*Cena*), na Sala de Exposições Temporárias (de 17 de fevereiro a 6 de maio) e ainda *Ifigénia e Isaac*, na Sala Polivalente (17 e 18 de fevereiro, 18h30). A curadoria é de Rita Fabiana.

FERNANDO PESSOA: PLURAL COMO O UNIVERSO

Exposição dedicada a Fernando Pessoa e aos seus heterónimos, que pretende mostrar toda a multiplicidade da obra do grande poeta de língua portuguesa, conduzindo o visitante numa viagem sensorial pelo universo de Pessoa, para que leia, veja, sinta e ouça a materialidade das suas palavras. Nesta exposição encontra-se um espaço repleto de poemas, textos, documentos, fotografias e pintura, onde se incluem raridades como a primeira edição do livro *Mensagem*, com uma dedicatória escrita pelo poeta.

Nascida de uma colaboração entre a Fundação Roberto Marinho (Brasil) e o Museu da Língua Portuguesa de São Paulo, com o apoio da Fundação Gulbenkian, esta exposição foi inaugurada em São Paulo, em 2010, e apresentada no Rio de Janeiro em 2011. Em Lisboa, na Fundação Gulbenkian, a exposição assinala o Ano do Brasil em Portugal.

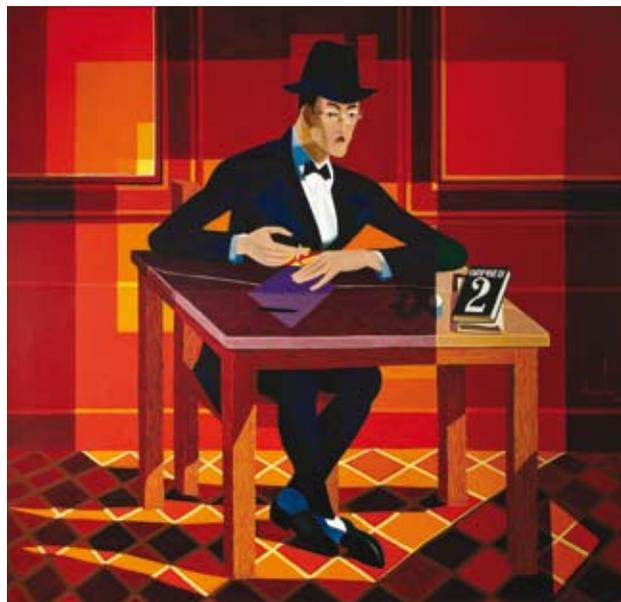
Fernando Pessoa: Plural como o Universo tem várias componentes. Um dos espaços é reservado à apresentação, em compartimentos delimitados, do ortónimo e dos quatro mais importantes heterónimos: Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos e Bernardo Soares. Noutra parte, encontra-se uma recolha de textos, cuja tónica é mostrar como puderam conviver, no espírito de Pessoa, os heterónimos, os escritos auto-interpretativos e todos os outros projetos que o poeta ia desenvolvendo, num processo dinâmico e simultaneamente solitário. A exposição inclui ainda documentos inéditos, pinturas e alguns objetos nunca antes expostos em Portugal.

Sede da Fundação

Curadoria: Carlos Felipe Moisés e Richard Zenith

10 de fevereiro-30 de abril

Agenda em www.gulbenkian.pt ■



José de Almada Negreiros, *Retrato de Fernando Pessoa*, 1964. Coleção do CAM

O regresso de Alfred Brendel



CONFERÊNCIA SOBRE MÚSICA

Em 2008, o Grande Auditório da Fundação foi um dos palcos eleitos para a digressão de despedida de Alfred Brendel, um dos mais brilhantes pianistas da sua geração. Nessa altura e pela última vez, o público português pôde apreciar, ao vivo, as suas extraordinárias interpretações de obras de compositores como Haydn, Mozart, Beethoven e Schubert.

Três anos depois da sua retirada, o pianista austríaco regressa à Fundação Gulbenkian na qualidade de conferencista e professor, para partilhar a sua imensa sabedoria acumulada ao longo de mais de seis décadas de atividade. Grande comunicador, Brendel tem um impagável sentido de humor, que tem feito as delícias de milhares de ouvintes e leitores em todo o mundo. *Does classical music have to be entirely serious?* (A música clássica tem de ser sempre séria?) é o sugestivo tema da conferência que vai proferir no Grande Auditório, no **sábado, dia 18, às 17h30**, e que foi já objeto de publicação numa coletânea que reúne vários ensaios sobre música que o pianista tem produzido ao longo dos anos. Proferida pela primeira vez na Universidade

de Cambridge, em 1984, é uma dissertação brilhante, com exemplos ao vivo do humor que atravessa as obras sobretudo de dois grandes compositores: Haydn e Beethoven. Brendel vai explicar o que entende por humor puramente musical, sem ajuda das palavras ou de ação dramática e que, entre outras coisas, resulta do elemento surpresa. Para além de defender que a ironia está mais presente no período clássico do que no romântico, dirá porque considera Schubert, Chopin ou Liszt compositores completamente desprovidos de humor.

Desafiámos o musicólogo Rui Vieira Nery, diretor do Programa Gulbenkian Educação para a Cultura, e o compositor Pedro Amaral a responderem, num sentido lato, a esta questão: terá a música clássica de ser sempre séria?

Rui Vieira Nery: Claro que sim e claro que não. É, por um lado, uma coisa seriíssima, porque corresponde, no seu melhor, a uma parte do que há de mais precioso e mais intemporal na criação artística da Humanidade e, como tal, a uma manifestação de uma centelha divina que nos fasci-

na e ao mesmo tempo nos assusta. Mais sério do que isto é difícil. Mas também é um retrato da natureza humana em toda a sua dimensão mais rica e mais multiforme: pode falar-nos de mágoa, de dor, de medo, de solidão, de frustração, de violência, de trevas, mas, ao mesmo tempo, de alegria, de prazer, de esperança, de partilha, de desejo, de paz, de luz. E, afinal, nesta sua capacidade ímpar de nos retratar como somos e de dar voz à nossa sede de eternidade, é uma celebração permanente da vida e, por isso mesmo, pode e deve ser sempre uma ocasião de festa e de júbilo. Séria, por certo; soturna, nunca.

Pedro Amaral: A seriedade estará ela na música ou na nossa forma de a escutar?... É o objeto que é sério, ou séria a atitude do sujeito que o contempla?...

Intrinsecamente abstrata, a música “pura” apenas pela subjetividade da analogia pode traduzir estados de alma. É quando deixa de ser centro de si mesma e se torna veículo de *outra coisa* que a arte musical pode incarnar características psicológicas objetivas.

A ópera é o domínio por excelência de tais alquimias.

No começo de *Don Giovanni*, em cinco minutos de cena, Mozart faz-nos passar por uma sucessão inimaginável de planos. Começamos com Leporello de guarda, à porta do palácio, enquanto *il dissoluto*, disfarçado, procura seduzir Donn’Anna. Nunca saberemos o que se passou naquele quarto, mas vemos a jovem sair furiosa em perseguição do galanteador. As janelas iluminam-se e o pai da rapariga aparece de espada em riste. Duelo e morte: fim funesto do Comendador, perdendo sangue, desvanecendo em *fá menor* ao longo de dezoito compassos. Do divertimento frívolo à fúria, ao duelo, à tragédia.

E no diálogo seguinte, apavorado na escuridão, Leporello para Don Giovanni: “Quem morreu? Vós ou o velho?” *Totalmente séria* a “música clássica”?!...

A MORTE E A DONZELA MASTERCLASS E RECITAL

No dia 19, Alfred Brendel volta a subir ao palco do Grande Auditório, às 16h, desta vez para orientar, em inglês, uma masterclass aberta ao público, que vai incidir sobre o célebre Quarteto para cordas n.º 14, *A Morte e a Donzela*, de Schubert. No palco estarão também os quatro membros que compõem o Quarteto Casals que, após a aula, às 19h, interpretam integralmente a obra.

A canção *A Morte e a Donzela*, D 531, é possivelmente uma das obras mais emblemáticas do Romantismo musical germânico, se não mesmo do europeu. Composta por Schubert em 1817, tem por base um poema de Matthias Claudius (1740-1815), nome destacado do Primeiro Romantismo literário alemão, cujas obras completas tinham acabado de ser editadas em 1813. O tema central é o da fragilidade da exis-



Hans Baldung Grien, *Der Tod und das Mädchen*, 1517

tência humana face à inexorabilidade da morte, agravada aqui pelo facto especialmente dramático desta vir surpreender na força da vida uma jovem que não experimentou sequer o amor e a passagem à idade adulta, surgindo, no entanto, e apesar disso, não como uma punição, mas como uma transição serena para a eternidade. São temas que apelavam certamente ao imaginário apaixonado do jovem Franz Schubert, então com 20 anos, e, apesar de só publicada em 1821, é possível que constasse já entretanto do repertório cantado nos saraus informais em que se reuniam o compositor e o seu círculo de artistas e intelectuais vienenses.

Em 1824, num momento em que estava acometido de uma doença grave de que temia poder vir a morrer, Schubert usaria a melodia desta canção como tema para a série de variações correspondentes ao segundo andamento de uma das suas mais importantes obras de Música de Câmara, o Quarteto Op. 14, D. 810, em Ré menor. Tanto o *Lied* como o Quarteto são reconhecidos como referências absolutas e exemplares da música ocidental do século XIX.

Depois de assistirmos a esta *masterclass*, entenderemos, seguramente, *A Morte e a Donzela* de outra maneira. ■



Gulbenkian Música

Destaques em fevereiro

ORQUESTRA GULBENKIAN
Grande Auditório

2, QUINTA-FEIRA, 21H

3, SEXTA-FEIRA, 19H

Bertrand de Billy *maestro*
Sarah Louvion *flauta*
Xavier de Maistre *harpa*

9, QUINTA-FEIRA, 21H

10, SEXTA-FEIRA, 19H

Ton Koopman *maestro*
Klaus Mertens *baixo*

16, QUINTA-FEIRA, 21H

17, SEXTA-FEIRA, 19H

Barbara Hannigan *soprano,*
maestrina

23, QUINTA-FEIRA, 21H

24, SEXTA-FEIRA, 19H

Krzysztof Urbanski *maestro*
Pedro Burmester *piano*

SOLISTAS

Grande Auditório

7, TERÇA-FEIRA, 21H

Andreas Scholl *contratenor*
Kammerorchester Basel
Julia Schröder *maestrina*

8, QUARTA-FEIRA, 19H

Karita Mattila *soprano*
Ville Matvejeff *piano*

12, DOMINGO, 19H

Evgeny Kissin *piano*

MÚSICAS DO MUNDO
Grande Auditório

26, DOMINGO, 19H

Natacha Atlas *voz*
Samy Bishai *violino,*
direção musical
Alycona Mick *piano*
Aly Abdel Alim *percussão*
Andy Hamill *baixo*
Louai Al Henawi *ney*
Ivan Hussey *violoncelo*
Mounqaliba: *In a state*
of reversal

MET LIVE IN HD

Grande Auditório

[Legendas em inglês]

11, SÁBADO, 17H

GOTTERDÄMMERUNG

RICHARD WAGNER

[Nova produção]

Fabio Luisi *maestro*

Robert Lepage *encenação*

Elenco: Deborah Voigt, Wendy

Bryn Harmer, Waltraud Meier,

Jay Hunter Morris, Iain

Paterson, Eric Owens, Hans-

Peter König

25, SÁBADO, 18H

ERNANI

GIUSEPPE VERDI

Marco Armiliato *maestro*

Pier Samaritani *encenação*

Elenco: Angela Meade,

Marcello Giordani,

Dmitri Hvorostovsky,

Ferruccio Furlanetto

Goran Bregovic

Não há salvação senão na fuga

*Integrado no ciclo **Músicas do Mundo**, Goran Bregovic, conhecido sobretudo pelas bandas sonoras que fez para filmes de realizadores como Emir Kusturica ou Patrice Chéreau, regressa a Portugal com a sua irresistível Orquestra de Casamentos e Funerais para apresentar Margot, memórias de uma rainha infeliz, um espetáculo-concerto com a participação da atriz Ana Moreira. No Grande Auditório Gulbenkian, dia 6 de fevereiro.*

O absurdo da guerra visto pelas mulheres. Inspirado pelas memórias da rainha Margot, este espetáculo-concerto, com música e texto de Goran Bregovic, evoca a primeira mulher de Henrique IV e o contexto das guerras religiosas do século XVI, para cruzar esta história com o destino de uma outra jovem, que no século XX vê o seu futuro interrompido pela Guerra da Bósnia. Nascido em Sarajevo, de mãe sérvia e pai croata, Goran Bregovic, antiga estrela de rock nas décadas de 70 e 80, explica que criou *Margot, memoires d'une reine malheureuse* como *recitativo accompagnato* (récita com acompanhamento musical), um formato em voga no século XVI, precursor da primeira ópera de Monteverdi. O monólogo que escreveu para uma atriz começa então com a leitura da *Carta de 1920*, de Ivo Andrić, Nobel da Literatura em 1961, onde é citada a máxima latina *Non est salus nisi in fuga* (Não há salvação senão na fuga).

Estreado na Basílica de Saint Denis, em Paris, por encomenda do festival de música com o mesmo nome, *Margot, memórias de uma rainha infeliz* remete necessariamente para o filme de culto *La Reine Margot*, realizado por Patrice Chéreau em 1994 e para o qual Bregovic fez a banda sonora. Neste espetáculo, juntamente com a sua Orquestra de Casamentos



e Funerais, com a qual Bregovic percorre os palcos de todo o mundo há mais de uma década, alguns dos temas musicais do filme de Chéreau são revisitados, numa composição elaborada, que alterna ambientes, cruzando peças mais populares com a música clássica e contemporânea. Entre a introspeção e a extravagância própria do som dos Balcãs, em cena, para além da guitarra elétrica de Bregovic, podemos contar com uma formação que inclui uma banda de metais ciganos, duas cantoras búlgaras, um sexteto de vozes masculinas e ainda um quarteto de cordas. Uma verdadeira *tour de force* que dá alento e energia às palavras desafiadas no monólogo, interpretado por uma atriz diferente consoante o país em que o espetáculo é apresentado. Em Lisboa, esse papel cabe a Ana Moreira. A atriz portuguesa traz na bagagem vários filmes de Teresa Villaverde, onde desempenhou personagens que a tornaram uma escolha aparentemente óbvia para encarnar esta jovem viúva de vinte e poucos anos, que perdeu o marido pouco depois de casar, quando este é chamado para a guerra. Passaram-se quatro anos desde que rebentou o conflito (que terminaria em 1995) e ela está sozinha no seu quarto. “Que outra atriz poderia aguentar o embate com uma orquestra tão explosiva como esta?”, lança Marie Mignot,

que está a dirigir o trabalho de interpretação de Ana Moreira neste espetáculo. Se a música e o texto se complementam, não será menos verdade que é realmente de um “pequeno combate” que se trata: afinal, em palco estará uma orquestra com quase duas dezenas de elementos para apenas uma atriz – cuja voz estará amplificada durante o espetáculo “por razões de conforto auditivo”, explica Marie Mignot.

O trabalho de preparação de Ana Moreira para este papel começou há vários meses, com um mergulho na história contemporânea da Europa. Quando lhe perguntamos quem é esta mulher sem nome, que representa tantas outras que não fazem a guerra, mas que sofrem sempre as consequências, Ana Moreira fala-nos de solidão e de falta de amor – esta mulher viu a sua família e os amigos desaparecerem. Depois, encontra um diário, com uma história que a mãe estava a escrever sobre uma mulher de outros tempos infelizes, Margot. São histórias dentro de histórias, uma guerra de religiões que se sobrepõe a outra, e que é um espelho também para a sua própria história. “O seu ato heroico é de renúncia, a única via possível”, diz Ana Moreira. Não há salvação senão na fuga. ■

Concerto para Famílias



Mozart aos 6 anos.

BASTIEN E BASTIENNE, K. 46B

Ópera em um ato

Wolfgang Amadeus Mozart

2 março, sexta-feira, 19h / 3 março, sábado, 16h

Grande Auditório

Mozart tinha apenas 12 anos quando escreveu, em 1768, *Bastien e Bastienne*, uma das primeiras provas inequívocas do génio músico-teatral do compositor de Salzburgo. Bastienne é uma jovem pastora apaixonada por Bastien, cujo coração anda distraído com uma representante da nobreza. O desespero conduz Bastienne até ao Mago Colas que, com os seus poderes mágicos e de persuasão, conduzirá o par amoroso a um fim reconciliador.

Bastien e Bastienne é uma adaptação de *Le Devin du Village*, um *intermezzo* operático com música e libreto de Jean-Jacques Rousseau, talvez o filósofo político mais influente do século XVIII, que tinha na música uma faceta menos conhecida. A sua peça foi um sucesso junto da corte francesa

(chegou a ser tocada no casamento de Luís XVI e de Maria Antonieta), tendo também obtido grande popularidade nos palcos de Paris e Londres. Já o *Singspiel* (ópera com texto declamado) *Bastien e Bastienne* tem contornos satíricos, inspirando-se tanto a nível dramático como musical nas ideias de inocência pastoral.

Bem recebida pelo público, esta pequena peça impulsionou o jovem Mozart para os seus trabalhos posteriores. ■

Orquestra Gulbenkian

Maestro: Jorge Matta

Soprano: Luiza Dedisin (Bastienne)

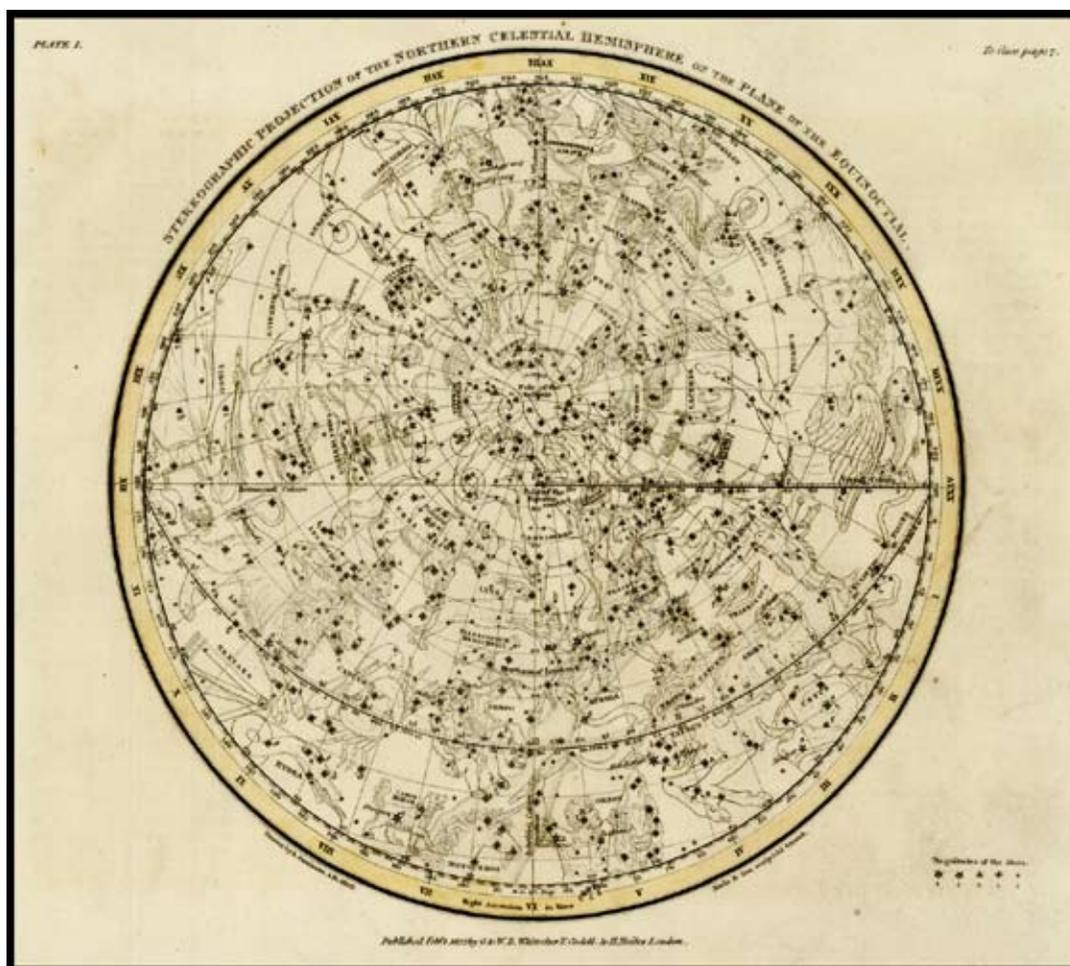
Contralto: Carolina Figueiredo (Bastien)

Baixo-Barítono: Manuel Rebelo (Mago Colas)

Encenação: Marie Mignot

Espetáculo para maiores de 6 anos, cantado em português

Mais informações: www.descobrir.gulbenkian.pt



Trazer o Céu para a Terra

CICLO DE CONFERÊNCIAS

MATEMÁTICA: A CIÊNCIA DA NATUREZA

HENRIQUE LEITÃO

15 fevereiro, 18h, Auditório 2

É de projeção estereográfica que se irá falar nesta conferência, a que Henrique Leitão, investigador de História da Ciência da Universidade de Lisboa, deu o título “Trazer o Céu para a Terra”. A verdade é que a Astronomia é talvez a mais antiga ciência matemática da humanidade. “É, pelo menos, a disciplina que primeiramente mostrou o extraordinário poder da matemática para descrever e compreender o mundo, apesar de não ter sido um processo fácil”, afirma Henrique Leitão, que enveredou pelos estudos de História da Ciência depois de alguns anos como investigador científico, ele que foi responsável pela primeira tradução para português de *O Mensageiro das Estrelas* (*Sidereus Nuncius*), obra seminal de Galileu Galilei, que a Fundação Gulbenkian publicou em 2010.

“Foram precisos muitos séculos para apurar as técnicas matemáticas adequadas e desenvolver procedimentos engenhosos que permitissem aos matemáticos e astrónomos estudar na Terra o que se passava nos céus”, explica. E uma dessas técnicas é precisamente a projeção estereográfica, que permite projetar a abóbada celeste num plano e assim estudar os céus numa folha de papel. “Esta projeção tem propriedades matemáticas muito interessantes e está na base de alguns instrumentos, como por exemplo o astrolábio”, adianta ainda Henrique Leitão, sobre a conferência em que irá mostrar como é que a matemática ajudou a trazer o céu para a Terra.

Com uma regularidade mensal, o ciclo de conferências Matemática: a Ciência da Natureza prolonga-se até ao final de 2012 (com uma pausa no verão). Em março, Dinis Pestana, do Centro de Estatística e Aplicações da Universidade de Lisboa, falará sobre o tema *Ter Muitas Ideias, e a Coragem de Deitar quase Todas fora*. A entrada é livre. ■ www.gulbenkian.pt

História do Ensino em Portugal

A *História do Ensino em Portugal* é o primeiro manual que, desde os primórdios da nação até ao ocaso do salazarismo, dá conta da evolução dos métodos, instituições e políticas de ensino no nosso país. Foi precisamente a necessidade de preencher esta lacuna que levou Rómulo de Carvalho – que, pela excelência com que se distinguiu enquanto professor, investigador e historiador, não poderia estar mais preparado para tal empresa –, em 1986, a escrever este livro que conhece agora a sua 5.^a edição.

Tendo por ponto de partida a “atividade pedagógica” que existia no território que é hoje o nosso país, antes mesmo de Afonso Henriques, esta obra, sustentada numa vasta bibliografia, percorre cronologicamente o progresso da Educação através da História de Portugal, pontuada por gravuras e contrabalançando harmoniosamente a força dos factos e dos documentos com a opinião autorizada de Rómulo de Carvalho.

Pensado pelo autor como um meio para que o pedagogo do presente possa olhar para a história da sua atividade, situar-se e definir a sua missão, este livro representa uma obra pioneira em Portugal que, pela perspetiva que oferece sobre o passado, dota o leitor das ferramentas necessárias ao estudo deste sempre problemático domínio da sociedade.

Assim, através da prosa escurrita e fácil de Rómulo de Carvalho, esta obra tão inovadora quanto necessária é indispensável para a compreensão não apenas do ensino em Portugal, mas da própria trajetória do nosso país – porque, como defendia o autor, “a história do ensino de uma nação é um capítulo da sua história política”. ■

Verdes Anos História do Ecologismo em Portugal

E ste livro de Luís Humberto Teixeira vem, como o título indica, oferecer uma perspetiva histórica sobre o movimento ecologista e as suas manifestações no nosso país. A obra integra a Coleção Gulbenkian Ambiente e tem por objeto de estudo o período compreendido entre 1974, quando se deu o apelo à criação daquela que seria a primeira associação de defesa do ambiente nacional – a Liga para a Proteção do Ambiente –, e o ano de 2011.

Foi a identificação de um vazio no que respeita à produção literária nacional relativa aos movimentos partidários ecologistas que motivou a criação desta obra. Na introdução, o leitor é informado acerca da aurora do pensamento ecologista num contexto pós-materialista, da relação que este mantém com a esquerda e das várias correntes que a partir deste começaram a autonomizar-se. Após uma viagem pela heterogeneidade da “Europa verde”, Humberto Teixeira vira a sua pena para o ecologismo no sistema partidário nacional, analisando e problematizando as origens, ideologias e percursos do PEV, do MPT e do PAN e debruçando-se sobre os movimentos que morreram antes mesmo de se tornarem uma realidade. *Verdes Anos – História do ecologismo em Portugal* vem proporcionar ao leitor uma visão inédita sobre o modo como germinou e se desenvolveu o ecologismo no nosso país, particularmente no que à sua face partidária diz respeito. ■

Outras edições

A Construção do Saber Comparado em Educação: Uma Análise Sócio-Histórica

Ana Isabel Madeira

O Sofista

Platão

Consolação da Filosofia

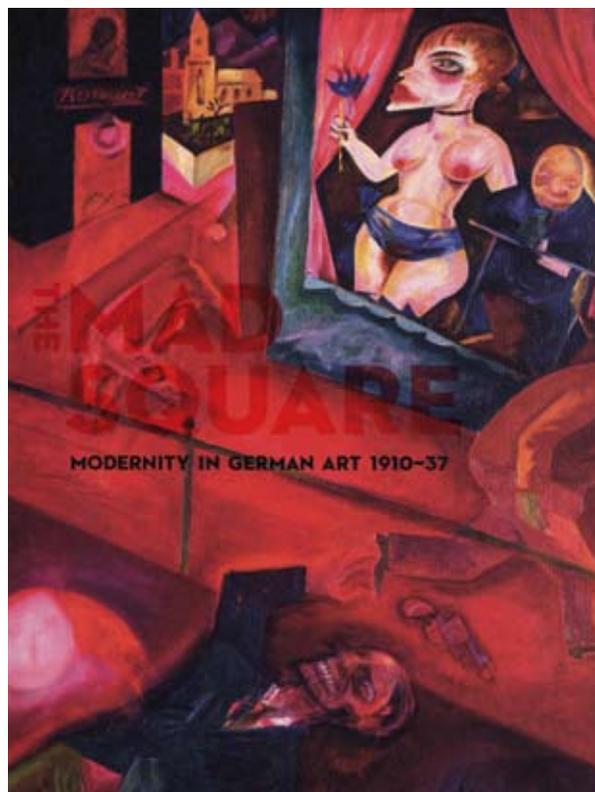
Boécio

Obras, volume V

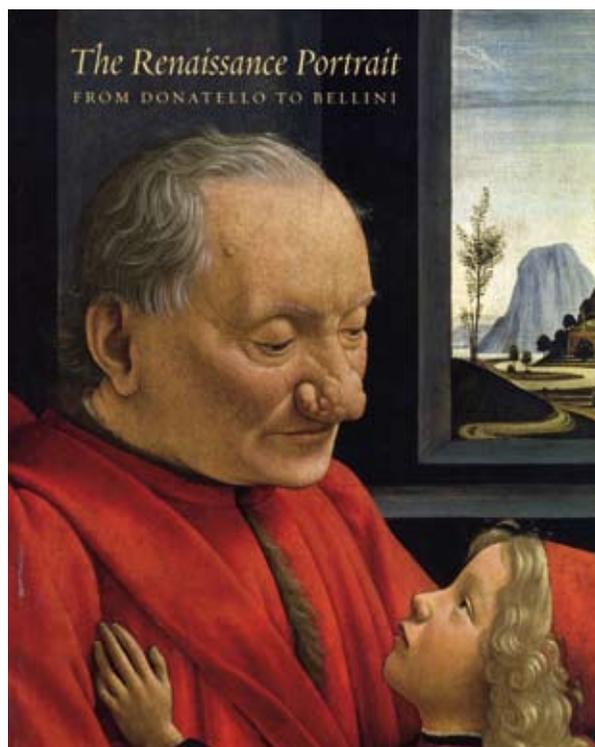
Pedro Nunes

Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

A National Gallery of Victoria International (Melbourne) apresenta, até 4 de março, a exposição *The Mad square: Modernity in German art 1910-1937*, que aborda um dos períodos mais conturbados e vibrantes da vida intelectual e política da história recente da Europa, em geral, e da Alemanha, em particular. Sob a égide da obra do pintor Félix Nussbaum intitulada *Der tolle Platz* (1931), mostram-se cerca de 200 trabalhos produzidos nos anos que mediaram as duas grandes guerras que marcaram o século XX. Nestas cerca de duas décadas, Berlim, a capital da novíssima República de Weimar, tornou-se uma cidade cosmopolita, disputando com Paris o estatuto de centro da criação artística ocidental, para onde convergiram muitos dos protagonistas dos movimentos de vanguarda da primeira metade de Novecentos. O catálogo que acompanha esta exposição tem um prefácio onde o historiador Eric Hobsbawm (n. 1917), cuja infância foi vivida em Viena e em Berlim, recorda as suas memórias desses anos e afirma que neles foi “a última vez que a Alemanha foi o centro da modernidade e do pensamento ocidental”. “Expressionismo”, “Dada”, “Bauhaus”, “Construtivismo”, “Metropolis”, “Nova Objetividade” e “Poder” são os títulos dos capítulos em que o catálogo está dividido, profusamente ilustrados com as reproduções das obras e com fotografias que retratam a época. O livro contém ainda uma bibliografia selecionada e uma lista das obras em exposição. ■



Uma das várias exposições que os visitantes do Metropolitan Museum (Met, Nova Iorque) podem admirar até 18 de março reúne alguns dos mais extraordinários retratos da história da pintura ocidental. Sob o título *The Renaissance portrait: from Donatello to Bellini*, expõem-se cerca de 160 obras (pintura, desenho e escultura) realizadas em Itália no Quattrocento, por artistas como Donatello, Filippo Lippi, Sandro Botticelli, Andrea Verrochio, Ghirlandaio, Andrea Mantegna e Giovanni Bellini, entre outros. Foi durante o século XV que se alterou o paradigma da representação do indivíduo, sendo o retrato uma das formas que os novos grupos sociais emergentes no seio das cortes e das repúblicas italianas utilizaram para afirmar o seu estatuto e disputar poder e influência. Organizada em parceria pelo Met e pela Gemäldegalerie de Berlim, esta exposição é acompanhada por um catálogo coordenado editorialmente pelos seus dois curadores: Keith Christiansen (Met) e Stefan Weppelmann (Gemäldegalerie). Para além de uma bibliografia selecionada, nos cinco ensaios, assinados por historiadores de arte e académicos especializados no período renascentista, como Patricia Rubin e Peter Humfrey, são explorados os aspetos da produção do retrato no Renascimento em Florença, nas cortes de Itália e em Veneza e no Veneto, complementados com as fichas para cada uma das obras. ■



Museu Calouste Gulbenkian

Sanefas

Tapçaria, Beauvais

O interesse de Calouste Gulbenkian pelos tecidos preciosos, de origem oriental ou de produção europeia, está bem patente na importante coleção que reuniu e que se pode admirar nas galerias do Museu Calouste Gulbenkian. Um núcleo importante é, sem dúvida, o da produção artística da França de Setecentos onde podemos destacar os requintados tecidos de seda de Lyon ou os exemplares magníficos de tapeçarias criadas nas três mais importantes manufaturas francesas da época: Gobelins, Beauvais e Aubusson.

Possivelmente produto da manufatura real de Beauvais, dos finais de Setecentos, este par de sanefas de tapeçaria, com decoração de festões, flores, drapeados, franjas e cordões, de grande efeito cénico e magnífico colorido, decorava duas das três janelas do Salon Boucher, na casa do Colecionador, em Paris, na Avenue d'Iéna.

Nesta preciosa sala do andar nobre da casa (1.º andar), reuniu Calouste Gulbenkian um notável conjunto de artes decorativas francesas, de grande harmonia estilística, com destaque para a decoração das paredes, integralmente forradas com a belíssima seda de Lyon, outrora destinada aos aposentos de Maria Antonieta, em Versalhes, e que também foi utilizada para a confeção da outra sanefa que decorava a terceira janela da sala (na imagem).

Habitualmente guardado em reserva, por não ter enquadramento adequado nas galerias de artes decorativas do museu, este par de sanefas regressou, em junho passado, ao seu local de origem, integrando a exposição *L'Hôtel Gulbenkian, 51, Avenue d'Iéna. Memória do sítio*, exposta até setembro, no palacete da Avenue d'Iéna, em Paris e que pode ser vista, em versão adaptada, na sala de exposições temporárias do Museu Calouste Gulbenkian **até 7 de abril**.

A título de curiosidade, sabe-se que uma destas sanefas foi a única obra de arte da coleção, cuidadosamente guardada durante a II Guerra Mundial na casa de Paris, a ser danificada por ocasião da libertação do Hotel Majestic (não muito distante da Avenue d'Iéna), em agosto de 1944 e que, por decisão do Colecionador, seria recuperada, no ano seguinte, por um dos seus inúmeros fornecedores de prestígio, a casa Jansen, que havia colaborado na adaptação rigorosa da casa para a instalação condigna da sua coleção de arte. ■

Maria Fernanda Passos Leite





Sanefas (par)

Tapeçaria, França, Beauvais, 2.ª metade do século XVIII

Lã e seda

467,5 x 211,5 cm / 464 x 210 cm

Adq. em Londres, por intermédio de Duveen, em 5 de novembro de 1919

Lisboa, Museu Calouste Gulbenkian, n.º Inv. 31 A/B



Foto: Jorge Moller

L'Hôtel Gulbenkian
51, Avenue d'Éléna

memória do sítio

ATÉ 7 DE ABRIL

Galeria de Exposições Temporárias
do Museu Calouste Gulbenkian



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN